

Infancias:

contextos de acción, interacción y participación

Infâncias: contextos de ação, interação e participação



Martín Plascencia González
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mathusalam Pantevis Suárez
Facundo Corvalán
Coordinadores



**Infancias: contextos de acción,
interacción y participación**

*Infâncias: contextos de ação,
interação e participação*

Dictaminadores

Aloysio Martins Júnior, Universidade Federal de Santa Catarina. Ana Brizet Ramírez Cabanzo, Facultad de Educación, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Colombia. Bruno Baronnet, Instituto de Investigaciones en Educación, Universidad Veracruzana. Claudia Guadalupe Arufe Flores, Departamento de Educación ITESO, Universidad Jesuita de Guadalajara. Cristina Massot Madeira Coelho, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. David Poveda, Facultad de Psicología, Universidad Autónoma de Madrid. Eliud Torres Velázquez, co-coordinador del Grupo de Trabajo CLACSO, Estudios Críticos del Desarrollo Rural. Doctor en Desarrollo Rural por la UAM. Everardo Pérez Manjarrez, Harvard Graduate School of Education. Juliana Lacour, Facultad de Psicología, Universidad Nacional de Rosario. Luciana Hartmann, Instituto de Artes, Universidade de Brasília. Monique Voltarelli, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Norma Guadalupe Pérez López, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Autónoma de Chiapas. Robinzon Piñeros Lizarazo, Facultad de Educación, Universidad Surcolombiana. Rodolfo Antonio San Juan San Juan, Ciencias sociales/antropología, El Colegio de San Luis. Susana Frisancho, Departamento de Psicología, Pontificia Universidad Católica del Perú.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación

*Infâncias: contextos de ação,
interação e participação*



EDITORA



UnB



UNIVERSIDAD
SURCOLOMBIANA
EDITORIAL

UNR

Universidad
Nacional
de Rosario

Martín Plascencia González
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mathusalam Pantevis Suárez
Facundo Corvalán

Coordinadores

Universidad Autónoma de Chiapas
Editora da Universidade de Brasília
Editorial Universidad Surcolombiana
Universidad Nacional de Rosario

Editores

Primera edición, 2020.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación / Infâncias: contextos de ação, interação e participação
Martín Plascencia González, María Lidia Bueno Fernandes, Mathusalam Pantevis Suárez y Facundo Corvalán (Coordinadores)

D.R. © 2020. Universidad Autónoma de Chiapas
Boulevard Belisario Domínguez Km. 1081 sin número,
Colina Universitaria, Terán, C.P. 29050,
Tuxtla Gutiérrez, Chiapas, México
ISBN: 978-607-561-073-3

D.R. © 2020. Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, Edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br
ISBN: 978-65-5846-020-6

D.R. © 2020. Editorial Universidad Surcolombiana
Avenida Pastrana Borrero - Carrera 1
PBX (57) (8) 8754753
Neiva, Huila, Colombia
ISBN: 978-958-8896-49-6

D.R. © 2020. Editorial Universidad Nacional de Rosario
Maipú 1065, S2000CGK
Rosario, Santa Fe, Argentina
ISBN: 978-987-702-427-2

Participó en el financiamiento de este libro el Programa para Actividades Científicas, Tecnológicas y de Innovación (2019) del Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Conacyt), a través del proyecto Seminario interdisciplinario e interinstitucional sobre estudios de infancias (299284).

Fotografía y diseño de portada: Carlos Alberto Sánchez Álvarez

Los textos que conforman este libro fueron sometidos a arbitraje estricto, dictaminados por pares bajo el procedimiento doble ciego. Es un libro especializado en el tema de infancias, su contenido es responsabilidad de quienes lo firman y no necesariamente refleja la postura institucional de las instituciones coeditoras.

Distribución libre y gratuita, citando la fuente. Prohibida su distribución con fines comerciales.

Contenido

Investigaciones con y por las infancias en Latinoamérica11

Pesquisa com e para infâncias na América Latina 21

Martín Plascencia González

Maria Lidia Bueno Fernandes

Mathusalam Pantevis Suárez

Facundo Corvalán

I. ABORDAJE TEÓRICO-CONCEPTUAL Y METODOLÓGICO PARA ESTUDIAR/INVESTIGAR CON LAS INFANCIAS

31

1 En torno a la agencia infantil y juvenil: espacios, tensiones y paradojas en comunidades históricas indígenas mayas tsotsiles de Chiapas, México 33

Lourdes de León Pasquel

2 Uma margem no tempo: geografias de bebês, crianças e jovens em fronteiras brasileiras 65

Maria Lidia Bueno Fernandes

Jader Janer Moreira Lopes

3 Estrategias metodológicas e infancias latinoamericanas. Educación, salud y cultura en mundos posibles 93

Facundo Corvalán

Lucía Aranda

Jésica Morello

4 Escutar as crianças: por um mundo onde mais humanos enunciem em muitas linguagens 133

Marisol Barenco de Mello

Márcia Menezes Concencio

II. PROTAGONISMO, PARTICIPACIÓN Y RESISTENCIA

165

- 5 Bibliotecas comunitarias y escolares: diálogos interculturales y protagonismo infantil 167
Kathia Núñez Patiño
Martín Plascencia González
- 6 De guambras a niños mendigo. Análisis dialógicos con Chuqui sobre la transformación del estatuto de los niños de la calle en Quito, Ecuador (2004-2019).... 203
Pablo Hoyos González
Daniel García Pérez
Harvey Sánchez Restrepo
- 7 Territorios afrobrasileños e indígenas colombianos: resistencia y lucha por permanecer en el espacio-tiempo. Cronotopos infantiles otros 237
Mathusalam Pantevis Suárez
Eliane Rodrigues de Castro
- 8 Violencia, adultocentrismo y resistencias. De la migración centroamericana a la participación política de los NNA en la resistencia-rebelde zapatista..... 267
Angélica Rico Montoya

III. EXPERIENCIAS EN EL TERRITORIO

303

- 9 La experiencia educativa con infancias en los recorridos por el territorio 305
María Helena Ramírez Cabanzo
Lorena Cardona Alarcón
Mathusalam Pantevis Suárez
- 10 Mecanismos de estigmatización en la narrativa Gauchasca: infancia rural Argentina del siglo XIX..... 331
Nicolás Marino Elder

IV. LEGALIDAD E INFANCIA

357

- 11 El interés superior de la infancia y la adolescencia refugiada frente al modelo de atención institucionalizado: el caso de Chiapas y Tabasco, México.359
Ivonne Álvarez Gutiérrez
- 12 Políticas de salud mental infanto-juvenil: modalidades de cuidados en el primer nivel de atención (Rosario, Argentina)393
Ana Cecilia Augsburger
Sandra Silvana Gerlero
- 13 'Me lo dicen desde lejos... que soy hija de traficante'. El impacto de las políticas de drogas sobre niñas, niños y adolescentes con padres y madres privados de la libertad 421
Corina Giacomello
- 14 Representaciones de la niñez y extranjería en la legislación y en la infraestructura: acceso a la protección internacional (los albergues de los sistemas DIF en Chiapas, México) ... 455
Larisa Kosygina

I. Abordaje teórico-conceptual
y metodológico para estudiar/investigar
con las infancias

4

Escutar as crianças: por um mundo onde mais humanos enunciem em muitas linguagens¹

MARISOL BARENCO DE MELLO²
MÁRCIA MENEZES CONCENCIO³

Resumo

O presente texto, que tem a forma de um ensaio em que uma experiência é relatada e analisada teoricamente, trata de um trabalho realizado com graduandos e graduandas de diferentes cursos de licenciaturas, da Universidade Fede-

-
- 1 Este trabalho insere-se no conjunto das pesquisas do Grupo Atos – UFF, grupo de estudos e pesquisas bakhtinianos que tem sede na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
 - 2 Prof.a. Dr.a. Marisol Barenco de Mello, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (Brasil), marisolbarenco@id.uff.br, sol.barenco@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9341-0230>.
 - 3 Prof.a. Ms.a. Márcia de Souza Menezes Concencio, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense, professora aposentada dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Brasil), marcialconcencio@id.uff.br, biaconcencio@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5412-1690>.

ral Fluminense, e crianças entre 2 e 9 anos de idade, dentro do âmbito das pesquisas do Grupo Atos – UFF, do qual as autoras são membros, que busca discutir criticamente as condições dos enunciados infantis na cultura. De modo particular, a experiência provém de dados da pesquisa de doutorado da coautora Márcia Concencio, que discute o enunciado infantil na escola, em anos iniciais, orientada pela coautora Marisol Barenco. Nossa perspectiva crítica toma os enunciados infantis em sua dimensão heurística, analisando os estudos que buscam inserir as crianças como seres da cultura, compreendendo aqui a linguagem como fator indispensável dessa inserção. Historicamente, só muito recentemente, as crianças vêm sendo consideradas sujeitos epistêmicos, éticos, estéticos, políticos. Assim, nossos estudos revelam os desafios dessas perspectivas que ainda não construíram as bases filosóficas para a compreensão dos enunciados infantis em muitos gêneros. O presente estudo tem a intenção de provocar essas discussões, quando realiza, analisa e publiciza um trabalho de fotografia expandida que discute o que é o mundo para uma criança, com crianças e estudantes do curso em parceria equipolente. Os enunciados fotográficos infantis foram tomados como enunciados fotográficos, artísticos, sem mediação ou interpretação que os depusessem de sua qualidade de enunciação artística. Buscamos compreender esses enunciados através de uma leitura plural, em três camadas, da identidade em direção à alteridade: primeiro, de forma subjetiva, em que cada leitor se colocava em relação com a fotografia: “gosto”, “não gosto”, “é triste” etc. Na segunda camada de leitura, objetiva, das coisas em si, buscávamos observar os elementos da composição da fotografia: cores, linhas, luz, enquadramento etc. A terceira camada de leitura tratava daquilo que compreendemos com Roland Barthes - a leitura do terceiro sentido, da escuta - qual foi o contexto da criação daquela fotografia? Nessa leitura, partimos da relação do eu e do outro, para uma relação eu-outro. Na fotografia havia o

que cada “eu” conseguia perceber, os elementos escolhidos pelo autor para compô-la que poderiam ser reconhecidos, mas havia também o contexto, que, conhecido, trouxe o sentido ampliado da leitura, o terceiro sentido, o extraverbal que deu vida àquele texto. Os estudantes responderam dialogicamente aos enunciados das crianças, em um processo de entrelaçamento de enunciados, adultos e infantis, em uma fotografia expandida assinada e reconhecida por ambos os autores. O estudo nos revela a capacidade enunciativa e dialógica infantil, bem como as dificuldades inerentes a esse diálogo, por parte dos adultos, dificuldades essas que vêm a se tornar o campo crítico a ser enfrentado, teórica e epistemologicamente, pelas Ciências Humanas.

Palavras-chave: enunciados artísticos infantis, diálogos adultos e crianças, fotografia expandida

Resumen

Este texto, que toma la forma de un ensayo en el que se relata y analiza teóricamente una experiencia, aborda el trabajo con estudiantes de pregrado y posgrado de diferentes carreras de la Universidad Federal Fluminense, y de niños entre 2 y 9 años de edad, dentro del ámbito de la investigación del Grupo Atos - UFF, del cual los autores son miembros. Busca discutir críticamente las condiciones de los enunciados de la infancia en la cultura. En particular, la experiencia aporta datos para la investigación doctoral de la coautora Márcia Concencio, quien analiza el relato de los niños en la escuela, en los primeros años, de la mano de la coautora Marisol Barenco. Nuestra perspectiva crítica toma las declaraciones de los niños en su dimensión heurística, analizando los estudios que buscan insertar a los niños como seres de la cultura, entendiendo aquí el lenguaje como factor indispensable de esta inserción. Históricamente, sólo muy

recientemente los niños han sido considerados sujetos epistémicos, éticos, estéticos, políticos, pero nuestros estudios revelan los desafíos de estas perspectivas, que aún no han construido las bases filosóficas para comprender las declaraciones de los niños en muchos géneros. El presente estudio pretende provocar estas discusiones, a través de la realización, análisis y publicación de un trabajo fotográfico ampliado que discute cómo es el mundo para un niño, con niños y estudiantes del curso en equipo equilibrado. Los enunciados fotográficos de los niños fueron tomados como enunciados fotográficos, artísticos, sin mediaciones o interpretaciones que los despojara de su calidad de enunciado artístico. Buscamos entender estas afirmaciones a través de una lectura plural, en tres niveles, de identidad hacia la alteridad: primero, subjetivamente, donde cada lector se ubica en relación a la fotografía: “me gusta”, “no me gusta”, “es triste”, etcétera. En la segunda parte de la lectura, buscamos observar los elementos de la composición de la fotografía: colores, líneas, luz, encuadre, y otros. La tercera parte de lectura fue lo que entendimos con Roland Barthes - la lectura del tercer sentido, de la escucha - ¿cuál fue el contexto de la creación de esa fotografía? En esta lectura partimos de la relación del yo y el otro, a una relación entre yo y el otro. En la fotografía estaba lo que cada yo podía percibir, los elementos que el autor eligió componer y nosotros pudimos reconocer, pero también estaba el contexto, que, conocido, traía el sentido ampliado de la lectura, el tercer sentido, el extraverbal que le daba vida a ese texto. Los estudiantes respondieron dialógicamente a las declaraciones de los niños y las niñas, en un proceso de entrelazamiento de enunciados, adultos y niños y niñas, en una fotografía ampliada firmada y reconocida por ambos autores. El estudio nos revela la capacidad enunciativa y dialógica de los niños y las niñas, así como las dificultades inherentes a este diálogo, por parte de los adultos, dificultades

que llegan a convertirse en el campo crítico a afrontar, teórica y epistemológicamente, las Ciencias Humanas.

Palabras clave: declaraciones artísticas de niños, diálogos entre adultos y niños; fotografía ampliada

Introdução

Nas últimas décadas um campo delineou-se, a partir de um olhar sobre e com as crianças e suas infâncias. Os estudos da Psicologia do Desenvolvimento (os mais antigos), da Sociologia da Infância, da Antropologia da Infância, da Filosofia com as Infâncias e da Geografia de Infância, entre outras, têm contribuído para uma mudança em velhos paradigmas e trazido novos ângulos de se perceber e compreender as crianças e suas ações frente ao mundo em que vivem. O objetivo desses estudos parece centrar-se nas ações de conhecer e compreender como se deu a construção da infância, desconstruir a perspectiva de uma única infância, compreender que as crianças têm autoria e participam dos processos de mudança da sociedade e que participam da cultura. Esse foi e continua sendo um longo processo, marcado pelas descobertas e desafios que a pesquisa demanda e suscita. Foi preciso, ainda, que duas áreas se encontrassem: os estudos da infância e os estudos de pesquisa *com* crianças, já que em um determinado momento percebeu-se uma contradição de base: os estudos que tinham por objetivo retratar as relações com as infâncias, eles mesmos falavam *da* ou *sobre* a infância, urgindo assumir que seria preciso pesquisar *com* as infâncias.

Tendo sido esse também nosso percurso, a partir de um ponto, porém, nos distanciamos desses estudos, pois percebemos que, junto à necessidade de afirmar este lugar de autoria, de participação e de protagonismo das crianças em todo e qualquer contexto, precisávamos afirmar também uma teoria que

discuta esse conjunto de relações em uma perspectiva filosófica. Nossa posição é aquela dos estudos da Filosofia da Linguagem, que encontra na teoria de Mikhail Bakhtin, o Círculo de autores com quem dialogou – especialmente Valentin Volóchinov (2013) e Pável Medviédev (2012) – bem como na teoria de filósofos como Augusto Ponzio (2013), Roland Barthes (1984, 2009) e Jacques Derrida (2012), seus mestres Emanuel Lévinas (2010) e Maurice Blanchot (2015), a sua base teórica. Círculos de pensadores que nos arremessam em outros círculos, no movimento mesmo da cultura, ampliando campos de escuta e nos fazendo pensar a vida concreta das crianças na sonoridade dessas vozes. Mais ainda, buscamos nas nossas pesquisas nos inserir no movimento circular das vozes concretas das crianças e adultos com quem dialogamos, alargando assim o campo dos discursos. Acreditamos que muitas das contribuições teóricas que tomaram corpo nas teses e dissertações do grupo de pesquisa, intitulado Grupo Atos UFF devam-se ao nosso compromisso primeiro com a palavra amorosa, humanamente partilhada na cultura. Professoras e professores que somos, buscamos construir um *espacotempo* tanto de desconstrução dos processos violentos de silenciamento, quanto de ampliação do conjunto polifônico de vozes que enuncia na transformação do mundo.

Neste presente texto, fruto já de diálogos iniciados nos encontros que tivemos no México e na Colômbia, discutiremos alguns pressupostos da perspectiva de Filosofia da Linguagem que vimos construindo a compreensão, afirmando alguns conceitos chaves e o impacto que esses têm nas formas de escutar as crianças e suas possibilidades enunciativas. Ainda, buscaremos apresentar um trabalho realizado na Universidade Federal Fluminense, no qual pudemos escutar as vozes de crianças e, mais que isso, pudemos responder a elas, as potencializando como enunciados artísticos. Afirmamos: é preciso a construção, discussão e engendramento das bases filosóficas da consideração

dos enunciados infantis na cultura. Uma filosofia da linguagem infantil, em suma, de cuja construção este presente texto pretende ser parte.

Bakhtin, o enunciado humano e a relação arte-vida

Bakhtin (2010) afirma que o ser humano em geral, esse do conhecimento teórico formal, esse que tem como verdadeiros somente seus momentos universais, esse das interpretações simbólicas e das séries indiferentes, impessoais, globalizantes e categoriais, *não existe*. Contra as ontologias vigentes em sua época, Bakhtin e seu Círculo constroem uma filosofia do ato, uma filosofia da vida, que tem no ato ético o ponto nodal da possibilidade de pensar o humano. Do lugar único de cada ser humano, em resposta a outro ser humano que o antecede, que o provoca, que o confronta, somos coletivamente no evento aberto e inacabado da existência da humanidade. A unidade do humano, para Bakhtin, não é e nem pode ser um humano só, isolado, autônomo, como um Adão que inauguraria uma fala, um pensamento, que concederia ao outro a existência. A unidade mínima do humano, para Bakhtin, é eu-outro, sem espaço entre os dois, alteridade dialógica em uma arquitetônica tríplice: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim. Desde esse ponto de partida ético, a linguagem é o que constitui a especificidade do humano, e é o enunciado a unidade mínima da linguagem.

Como sabem todos os leitores de Bakhtin, desde seu ensaio dos anos 1920, *Para uma filosofia do ato responsável*, o amor é a categoria ética e estética fundamental, que funda meu real interesse desinteressado em cada ser humano, como único ser, irrepetível ser no mundo. Cada um é um infinito interno, criador e transformador do mundo, herdeiro da cultura toda e um singular, capaz de transformar toda a história. Criador. Diante desse único, desse

outro, não posso ser indiferente, sob o preço da humilhação, da diminuição do humano no homem. Diante dele só posso ter uma atitude de escuta plena, de amorosidade pela humanidade toda que, somente dessa vez, se expressa e vive dessa forma. E é desse lugar único e irrepetível do acontecimento da vida que as esferas da cultura ganham carne e sangue. Acontecimento que exige pelo menos dois seres humanos concretos, um diante do outro, *em diálogo*, jamais um ser humano que detém os direitos de fala sobre os outros. Nos diz Bakhtin (2019) sobre essa palavra à revelia do outro, proferida nas suas costas, palavra-violência porque *em ausência*, ou seja, na impossibilidade da resposta:

A palavra-violência pressupõe um objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde, não se dirige a ele, nem exige o seu consento; é uma palavra em ausência. O conteúdo da palavra sobre o objeto nunca coincide com o seu conteúdo para si mesmo. O conteúdo lhe dá uma definição com a qual ele nunca pode concordar, por princípio, interiormente (Bakhtin, 2019: 24).

Mais, ainda, essa palavra à revelia conforma uma imagem do outro em ausência. Para Bakhtin, esse é o ato desumanizador por excelência, já que o humano é sempre em resposta, na cadeia enunciativa da vida toda da humanidade (e até antes ou fora dela):

O próprio objeto não participa na formação da própria imagem. A imagem, em relação ao próprio objeto, ou é um golpe de fora ou um dom de fora, mas um dom injustificado, falso e lisonjeador. [...] O caráter de ausência, por princípio, da imagem. A imagem encobre o objeto e, portanto, ignora a possibilidade da sua mudança, dele se tornar um outro. Na imagem não se encontram e não se unem as vozes do objeto e daquele que fala sobre ele. O objeto quer saltar fora de si mesmo e vive na fé no milagre de sua transformação repentina. A imagem o coage a coincidir consigo mesmo e o afunda no desespero do acabado e pronto. A imagem utiliza até o final todos os privilégios da sua posição exotópica. Em pri-

meio plano estão a nuca, as orelhas, as costas do objeto. Essas são suas fronteiras (Bakhtin, 2019: 25).

Bakhtin e seu Círculo (Volóchinov, Medviédev, dentre outros) compuseram, a muitas mãos, uma filosofia da linguagem que pode ser compreendida como uma filosofia da vida. Para essa, todo ser humano é enunciador por excelência, na vida (arquitetônica do ato) e na arte (criação cronotópica autoral). Esse é o grande poder humano: enunciar, dizer sua palavra única, palavra essa sempre semi-alheia, povoada dos sentidos de todos os que enunciaram antes, na palavra. Para Bakhtin e seu Círculo, cada palavra está grávida de todos os sentidos que lutam em seu interior, como numa arena, e cada enunciado, único e irrepitível, na vida e diante de um outro, atualiza os sentidos todos do grande tempo da humanidade. Nesse movimento o grande tempo da humanidade encontra-se com o pequeno tempo da vida de cada um. No enunciado responsivo, que reflete e refrata a cultura, todo ser humano é potente, poderosamente criador. Enunciar é responder, responsabilmente, com toda a sua vida, de um modo único e irrepitível, em um gênero, a outro ser humano, que enuncia responsabilmente, sobre algum pedaço do mundo. Todo o conjunto da cultura humana precisa ser compreendido a partir da vida, que compreende a arquitetura da alteridade eu-outro.

É nessa compreensão do ser humano que afirmamos a criança como *sujeito expressivo e falante*, como um enunciador, que responde, que tem autoria e como tal deve ser levada em consideração, sem parâmetros de comparação ou de hierarquização com os adultos. Como afirmamos em outro texto, juntamente com Jader Lopes:

Todo ser humano é enunciador por excelência, na vida (arquitetônica do ato) e na arte (criação cronotópica autoral). As forças que nos afastam desses poderes, entretanto, são violentas. [...] Enunciar é responder, res-

ponsavelmente, com toda a sua vida, de um modo único e irrepetível, em um gênero, a outro ser humano, que enuncia responsabilmente, sobre algum pedaço do mundo (Lopes e Mello, 2017: 45).

Enquanto humanos, nascemos como enunciadores, e conosco nasce uma nova palavra, uma palavra jamais dita antes: *a nossa!* Se assumimos que Bakhtin tem razão em suas afirmações, precisamos entender que não compreendemos, na verdade, como enunciam as crianças, e tomamos esse mal-entendido como falta de sentido enunciativo. Mais até que isso, somos violentos quando desconsideramos suas enunciações, objetificando as crianças como seres da falta. Se viver é este constante deslocamento em direção ao outro que dou pela frente, na acontecimentalidade, se somos sempre ser-em-evento, então, precisamos olhar de novo para as crianças - as que nasceram há pouco e as que nasceram há muito, inclusive as que não vivem mais aqui - e perceber, nessas, o caráter dialógico, de acontecimento, e iminentemente enunciativo de suas formações, nas culturas.

Criança enuncia?

Em algumas teses e dissertações produzidas nos últimos cinco anos, buscamos fervorosamente afirmar os *espaçostempos* de enunciação infantil. Difícil tarefa em um mundo circunscrito por palavras de adultos, onde as crianças já foram compreendidas, capturadas e dissecadas como seres *in-fans*, ou seja, sem fala. Colocadas em uma linha evolutiva que tem como ponto de chegada as formas adultas de pensar, de dizer, de agir, as crianças são já tomadas em um sentido único, nesse caso como pré-humanas, ou como ainda não humanas, o que para nós dá exatamente no mesmo: as crianças são, nessa perspectiva, carentes das formas canônicas da linguagem, do pensamento e do agir humano. Estão

fora do gênero, ainda, *in-genius*, fora da razão (Lopes e Mello, 2017), podemos dizer, portanto, que são consideradas como fora do mundo humano – ético, estético, cognoscitivo.

Para nós o enunciado, considerado na filosofia bakhtiniana como unidade mínima da linguagem, linguagem esta que é a própria condição da humanidade, desloca totalmente essa visão da infância e das crianças como seres da falta. Opera uma torção nos modos de perceber a realidade e o mundo, e afirmar essa revolução na linguagem é condição para escutarmos as crianças. E, se tivermos êxito, escutá-las não como crianças (no sentido desqualificador das perspectivas evolucionistas), mas como enunciadores no conjunto humano, de agora, de antes e de todos os tempos: uma possibilidade do mundo ter mais enunciadores, portanto. Se cremos que é nesse ato responsável que se (co)(re) criam seres humanos e mundo, no mesmo processo, significa então aumentar a multiplicidade dos pontos de vista e, assim, aumentar as probabilidades de criação de outras paisagens transformadoras.

Crianças enunciam, e em nossa perspectiva, têm suas enunciações recusadas à escuta na cultura moderna ocidental adulto-cêntrica. Escutamos “para”, nossa escuta é funcional e limitada. Tendo a criança já aprisionada nos sistemas que a definem desde fora e desde o alto, suas vozes ou são tomadas “para” algum tipo de intervenção (pedagógica, jurídica, médica, psicológica, publicística) ou são motivo de risos – a criação de um gênero da “palavra infantil” tomada como bonitinha, engraçada, irracional, surpreendente, divertida, exótica, em uma palavra, causadora de sonoras gargalhadas entre os adultos. Imagine-se por um momento, se tomamos como base a compreensão de que *toda* palavra humana é resposta ao mundo e ela mesma exige uma resposta, que significados tomam essa resposta adulta padrão às palavras das crianças!

Escutar, em nossa compreensão, é assumir a posição ativamente responsiva de quem espera uma palavra imprescindível. Escutamos ao mesmo tempo de modo infuncional – já que não queremos utilizar esse enunciado para fins práticos imediatos – mas principalmente porque desejamos avidamente o belo que é o enunciado único e irrepitível da palavra do outro, que tem a força de transformação do mundo. Nunca antes o conjunto discursivo da humanidade foi refratado dessa forma, assim cada enunciado contém, no mesmo lugar, todas as forças conservadoras e todas as forças renovadoras das relações sociais. Assim pretendemos escutar as palavras das crianças, como enunciado vivo.

Manoel de Barros (2010), poeta brasileiro, desenvolveu no conjunto de sua obra uma poética que também é, ela mesma, uma filosofia da linguagem. Sua obra vem sendo estudada por Marcia Fernanda Carneiro Lima, uma das estudantes do Grupo Atos UFF. Barros afirma, em um de seus textos em prosa, que suas palavras são “arquissemas”, que ele define, com a consulta à filologia, como “palavras logradas dos nossos armazenamentos ancestrais e que, ao fim, norteiam o sentido da nossa escrita”. Arquissemas seriam elementos antiquíssimos, que recebemos ao ingressar dialogicamente nos gêneros discursivos, nas culturas, e com os quais tanto arquitetamos nossos enunciados responsivos, quanto acessamos o grande tempo das relações sociais, vivas na linguagem. Bakhtin investiu muito de sua filosofia nessa aposta que os simbolistas russos, especialmente os poetas cubo-futuristas afirmaram: acreditavam que para mudar o mundo era preciso mudar as palavras do mundo. Através da poesia, exigiram que o volume do vocabulário fosse aumentado, tanto por meio de palavras novas, criadas arbitrariamente, quando da derivação de palavras, renovando os enunciados a partir da recombinação ou invenção de palavras novas-arcaicas. Importante dizer que cada palavra “nova” se tratava de uma palavra renovada, por técnicas como a colagem e a pesquisa por palavras em desuso, ou mesmo da criação de um

vocabulário outro para encarnar as vozes dos deuses, dos animais e daquilo que ainda não podemos escutar e compreender.

Em “Armadilha para juízes”, Khlébnikov (Francisco Jr., 2019: 4) escreve: “Vogais são espaço e tempo. Consoantes são cor, som e cheiro”. Se queremos nos afastar daquelas perspectivas objetificadoras e, de fato, escutar as crianças, precisamos confessar a princípio que não compreendemos seus enunciados. Feitos de palavras, de espaço, de tempo, de cores, sons e cheiros, de corpo e de gestos, de plasticidade e imagens sem códigos, há um idioma a ser aprendido – repetimos, não “para” o utilizarmos, mas para alargar o escopo das vozes e pontos de vista e escuta do mundo. Para alargar a compreensão da linguagem humana, em sua plenitude. Confessado nosso despreparo para a escuta, podemos proceder na pesquisa pelos modos de compreender vozes outras.

Nosso trabalho muito se assemelha ao dos poetas: compreender consternados a profunda violência da linguagem que se pretende única e monológica, suas formas homologadoras dos modos únicos de ser, sua desumanização pela recusa do outro como contraparte dialogada de nossas próprias condições de enunciar. Depois, escovar as palavras, parti-las, pesquisar outros tempos em que essas portavam outras lógicas e outras disputas, educarmo-nos nessa Babel e, daí, abrirmos a escuta para encontrar outros parceiros que enunciem, conosco, um mundo plural e polifônico. Em suma, abrirmos mão do papel de adultos que falam à revelia dos outros, sejam esses outros crianças ou outros adultos, e nos colocarmos ao lado, em atitude antiviolença, em ato responsivo ético e estético, aprendendo a arte da escuta como ancestral modo de viver em coletivos amorosos. Mais uma vez: amor é ato político de interesse no outro, de real cuidado para que não sofra, não se diminua, não se humilhe, compreendendo que um mundo transformado se faz com *nenhum a menos*.

Aprendendo a escutar as crianças

Assim podemos descrever metodológico nosso estudo: entre agosto e dezembro de 2019 trabalhamos com um grupo de universitários de diferentes cursos de licenciaturas, como Pedagogia, História e Matemática, em uma disciplina que tinha por objetivo discutir criticamente o trabalho de produção textual com crianças, na escola. Iniciamos por tecer a crítica aos textos utilizados nos livros escolares, estudando as teorias bakhtinianas e buscando compreender a profunda recusa de Volóchinov e Bakhtin à perspectiva da linguística tradicional, de base saussuriana, e às perspectivas escolares daí decorrentes.

Na busca por um alargamento do *espaçotempo* textual nas escolas, ainda pudemos, coletivamente, tentar compreender outras linguagens como participantes da cultura, linguagens essas que participam do grande tempo da cultura como formadoras dos modos de enunciar, portanto formadas por diferentes gêneros discursivos e elas mesmas formadoras de enunciados únicos e renovadores. Orientadas em grande parte pelo trabalho de tese finalizado por Maria Letícia Miranda, intitulado *Um risco na noite: uma semiótica do autorretrato artístico de crianças*, onde essa pesquisadora do Grupo Atos UFF desenvolve um trabalho de leitura de fotografias, buscamos trabalhar, na disciplina, com a leitura e produção de *fotografias com crianças*.

Acreditamos, juntamente com Roland Barthes (1984), que a fotografia é uma linguagem que se constituiu, ao lado de outras, durante os séculos XIX, XX e nos anos iniciais de nosso século, como uma linguagem artística. Inicialmente tendo um lugar relacionado fundamentalmente aos processos de identificação e representação, reconhecida como linguagem relacionada aos processos de verificação da verdade dos fatos retratados – em contraposição à outras linguagens mais icônicas – foi aos poucos sendo considerada em suas dimensões afigurativas, até o ponto

em que podemos afirmar atualmente o caráter ativamente enunciativo, artístico, crítico e criativo da fotografia.

No trabalho de leitura de fotografias, porém, identificamos problemas. O caráter representativo das fotografias é hegemônico em nossa cultura, ou, como afirma Silva (2019), os *selfies*, enquanto autorretratos confessionais (que pretendem a uma só voz narrarem a si mesmos, a título de autoconfissão) desviam-se da fotografia artística, já que não trabalham a alteridade como princípio estético (nesse sentido, ver Bakhtin, 2011, *O autor e a personagem na atividade estética*). Faz-se necessário um trabalho de desconstrução do olhar para a fotografia, desviando o foco da compreensão para uma *escuta*, que a nosso ver oferece a torção necessária para podermos nos relacionar, com *surpresa filosófica* (Bakhtin, 2019), com essa linguagem.

Mas, acima de tudo, pretendíamos lidar, na formação de professores, com a nossa afirmação principal: crianças enunciam em quaisquer gêneros que estejam disponíveis na sua cultura. Assim, pedimos que os estudantes encontrassem, nas suas relações de vida ou de trabalho, uma criança para com ela trabalhar, em parceria. Todas as atividades que relataremos a seguir tiveram a autorização tríplice para publicação e socialização dos nomes e das obras, tanto dos responsáveis pelas crianças, quanto das próprias crianças, bem como dos estudantes parceiros das fotografias expandidas que passamos a apresentar. Solicitamos aos estudantes que se encontrassem com a criança parceira da atividade, e oferecendo a esta o seu aparelho celular, pedissem à criança que fizesse uma fotografia do que era, para ela, o mundo. Aqui adiantamos que já tínhamos antes trabalhado com o conceito de “mundo”, com crianças, em trabalhos anteriores (ver, a esse respeito, Lopes e Mello, 2017). Nessa pesquisa atual, as crianças foram solicitadas a fotografar o que era, para elas, o mundo. Ao todo foram feitas mais de cem fotografias por crianças entre

2 e 9 anos de idade. As fotografias foram projetadas na aula, e analisadas por algumas semanas, coletivamente.

Podemos dizer que, dessas mais de cem fotografias analisadas, grande parte tomou a ideia de “mundo” como um lugar afetivamente circunscrito, mas também como relações sociais, como pessoas de referência afetiva forte, e até mesmo como objetos com significância marcada. Dessas, tomaremos à leitura neste presente texto dez trabalhos completos, uma vez que através desses poderemos exercitar a escuta e compreender o processo coletivo de resposta artística aos enunciados infantis, pelos estudantes. O trabalho constou de três partes inter-relacionadas, que realizamos tendo por base um trabalho de leitura fotográfico já realizado pela mestrandia Angélica Duarte, em sua dissertação de 2018 intitulada *Construindo uma escuta da criança: sofrimento, ética e estética na escola*. A autora também se baseou nos constructos teóricos de Barthes (2009), especialmente em seus estudos dos fotogramas de Eisenstein, no texto *O terceiro sentido*, realizando três camadas de leituras de uma fotografia de uma criança.

Da mesma forma, como primeira leitura, apresentamos as fotografias tiradas pelas crianças em projeção, para o coletivo dos estudantes. Solicitamos que lessem livremente as fotografias, e fomos anotando, em uma listagem, as formas dessa leitura. Na discussão, percebemos como as fotografias vinham sendo compreendidas a partir de seus próprios pontos de vista, a partir de suas visões autocentradas sobre o mundo e sobre as crianças. Na maior parte das intervenções de leitura, o ponto focal eram as impressões subjetivas (gosto, bonito, feio, triste), adjetivando as fotografias a partir do ponto de vista do leitor. Discutimos o quão pouco essa leitura nos favorecia compreender as crianças e seus enunciados fotográficos. Na segunda leitura, sempre seguindo a orientação de Duarte (2018), buscamos compreender os aspectos formais da fotografia. Como um campo constituído

de estudos e leituras, os aspectos considerados elementos da fotografia (cor, linhas, luz, equilíbrio, composição, etc.) foram estudados e utilizados como chave de leitura das fotografias das crianças. Percebemos, nesse momento, o quanto essa camada de leitura ampliou o olhar dos estudantes para as fotografias, não só das crianças, mas de modo geral. Trouxeram uma inteligibilidade visual para a leitura, e puderam “ver” com mais seriedade, o enunciado das crianças. Foi um importante momento do processo, ainda que concluíssemos que essa leitura nos traz um olhar objetivista para o enunciado fotográfico. Ganhamos em inteligibilidade e diálogo alteritário, já que a primeira leitura foi apenas uma expressão monológica do próprio olhar do leitor, trazendo uma aproximação dos aspectos visuais das fotografias das crianças. Porém, perdemos a criança em sua enunciação viva. Quando nos perguntamos sobre o que enunciaram essas crianças, a leitura objetivista não nos deu acesso nem aos autores, nem aos seus projetos discursivos. Bakhtin (2014: 14) já alertava sobre as limitações dos formalistas que, apesar de realizarem aportes importantíssimos para o campo da semiótica e da filosofia da linguagem, não consideraram o ser humano enunciativo como fonte de todo o sentido. “Chamo sentidos às *respostas* às perguntas”, dizia Bakhtin nos seus apontamentos dos anos 1970-71 (2011: 381). Assim Bakhtin compreende o humano e a compreensão respondente: ler é já responder, e aqui encontra-se o *sentido*. Qual o sentido do enunciado das crianças?

Em discussão, combinamos de recuperar os enunciados verbais ou o contexto extraverbal que fez parte do conjunto enunciativo que teve a fotografia como materialidade. Assim Volóchinov define o campo do discursivo: é o material extraverbal a conferir sentido, no diálogo vivo no mundo, ao verbal. No nosso caso, a fotografia como enunciado foi acompanhada de contexto, e aqui consideramos contexto tanto o verbal (os enunciados verbais que acompanharam o ato de enunciar fotograficamente), quanto o

extraverbal (o que se sabe sobre a criança e as relações existentes em torno aos objetos e atos na fotografia). O resultado foi emocionante e surpreendente. As leituras das fotografias eram, a partir da terceira leitura, como que iluminadas pelo sentido humano do contexto narrado pelos estudantes. O sentido fora encontrado nesse conjunto discursivo, indissociável: ato humano de enunciar, com conteúdo, forma e material, em um contexto.

Dada a intensa significância que os contextos discursivos das fotografias, pelas palavras e narrativas das e sobre as vidas das crianças, conferiram ao diálogo no coletivo, decidimos convidar Maria Letícia Miranda a participar da atividade. Esta autora terminara de realizar um curso intitulado *Fotografia Expandida*, presente em sua tese recém aprovada. A partir da escuta realizada em três camadas, pensamos que seria importante realizar um trabalho de intervenção nas fotografias das crianças, com o seu consentimento, para relevar o sentido das mesmas nas leituras dos adultos. Assim, ao ato da escuta, seguiu-se o ato da resposta. Nos dizeres de Derrida, contra-assinatura, momento em que a obra infantil é recebida, reconhecida e respondida pelos adultos institucionalmente situados, criando assim o contexto de inserção do enunciado infantil no conjunto da cultura, no grande tempo.

Assim procedemos: participamos de uma palestra com a professora Maria Letícia, onde esta nos apresentou os princípios e técnicas da fotografia expandida, sempre em uma perspectiva dialógica e alteritária, artística. Cada estudante, com a anuência das crianças, elaborou um projeto de fotografia expandida, que teve como objetivo interferir artisticamente na fotografia original, relevando o *sentido* da leitura realizada pelos estudantes no coletivo. Ao todo foram 54 fotografias expandidas realizadas e assinadas. Assim, cada fotografia foi o enunciado dialógico de dois (ou mais): o mundo, para a criança, a fotografia com o sentido do mundo para a criança, para o adulto, a fotografia expandida aprovada pela dupla de autores. Criança e adulto traba-

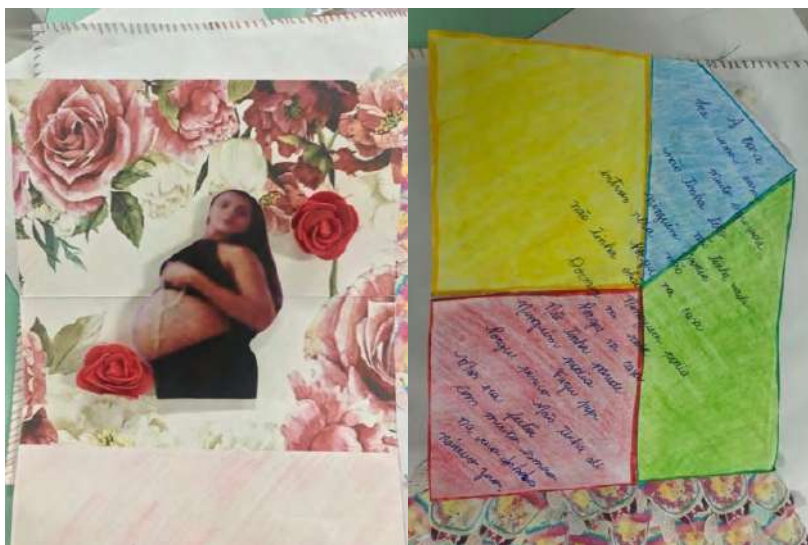
lhando juntos em um enunciado artístico, forçando os sentidos das vozes encontradas e reunidas na fotografia para enunciar um sentido dialógico, polifônico e único, configurando uma voz plural que escuta, acentua e assenta na cultura as vozes de todos os participantes.

Assim fizemos. Os relatos a seguir são a nossa escritura do processo, na escuta das vozes de todos os enunciadores. Fizemos uma mostra, no mês de dezembro de 2019, na Universidade, onde os estudantes puderam circular entre os enunciados. Crianças e adultos visitaram a mostra, criando outro *espaçotempo* de enunciado, o da exposição. A nós interessa, nesse ponto, relevar os sentidos, produzindo uma escuta dos enunciados infantis em diálogo com os adultos, contra-assinantes das então obras artísticas. Vamos apresentar os trabalhos a partir dos *sentidos* que, a nosso ver, são o centro e a unidade primordial dos enunciados humanos, o que justamente nos confere humanidade e nos insere no movimento histórico da cultura. Enunciados alteritários e dialógicos, onde podemos aprender a escutar as crianças.

A mãe como mundo

Figura 1

Título: A flor da minha casa, meu mundo!



Artistas: Maria Luiza Guimarães (4 anos) e Bárbara Guimarães.

Técnica: Fotografia expandida com recorte, colagem, pintura e dobradura.

Maria Luiza tem quatro anos e é filha de Bárbara, estudante da turma. Ao ser solicitada a fotografar o mundo para ela, não teve dúvidas. De baixo para cima, do ponto de vista da criança, fotografou o porta-retratos onde está a fotografia da sua mãe, grávida. O mundo de Maria Luiza é essa casa e sua flor, a sua mãe. Emocionada, Bárbara compreendeu que sua filha era capaz do diálogo, com ela guiou a criação da fotografia expandida e desejou que possa, em contrapalavra, ser uma boa maneira de Maria Luiza ver o mundo.

Ausências

Figura 2

Título: Esconde-esconde



Artistas: Isabela (9 anos) e Livia Puga.

Técnica: Foto expandida com recorte e tule bordado.



Figura 3

Título: O caminho da amizade

Artistas: Maria Eduarda (7 anos) e Tereza Raquel.

Técnica: Fotografia expandida com bordado e colagem.

Intitulamos “ausências” essas duas histórias, pois cremos ser esse o valor central das duas crianças fotógrafas, em suas enunciações. Isabela tem 9 anos e ao ser solicitada que fotografasse o mundo, escolheu esse pequeno canto de sua escola. Nas primeiras leituras que a turma fez da fotografia, tentavam os estudantes “adivinhar” se o lugar era uma escola ou outro espaço doméstico, e as

discussões rodaram em torno disso. Quando, na terceira leitura, Livia relatou o contexto, a fotografia mudou diante de todos. Isabela relatou, na ocasião, que essa foto tinha sido o seu mundo por muito tempo, pois ao entrar na escola chorava muito, sentindo a falta de sua mãe. Ali, naquele espaço, segundo a criança, a sua mãe ficava escondida, esperando a hora da saída. Anos mais tarde, o mundo de Isabela ainda era o espaço que afigura, em presença, a *ausência* de sua mãe.

Maria Eduarda também fotografa a ausência. Disse que tirou foto da rua onde ela brincava com suas amigas, Rafa e Isa, e onde ela caminhava com a sua avó, Ana. Na fotografia, o sentido da rua festiva marca a ausência das três figuras afetivas, que agora são inseridas, com bordado, na expansão da fotografia. Talvez uma das maiores dificuldades, já escreviam os russos do início do século xx,

seja afigurar o invisível, o ausente. Um dos grandes temas artísticos das culturas, Isabela e Maria Eduarda inserem-se no movimento daqueles que afiguram o que não pode mais ser afigurado, ou o que se afigura justamente na invisibilidade, no oculto, no que não existe mais, mas que vive na imagem enunciada.

Eu e a mãe como mundo

Figura 4

Título: Doces do Universo

Artistas: Rafael Benício Vieira (8 anos) e Joyce Batista Dias Vieira.

Técnica: Instalação a partir de fotografia expandida com colagens e costuras de materiais diversos.



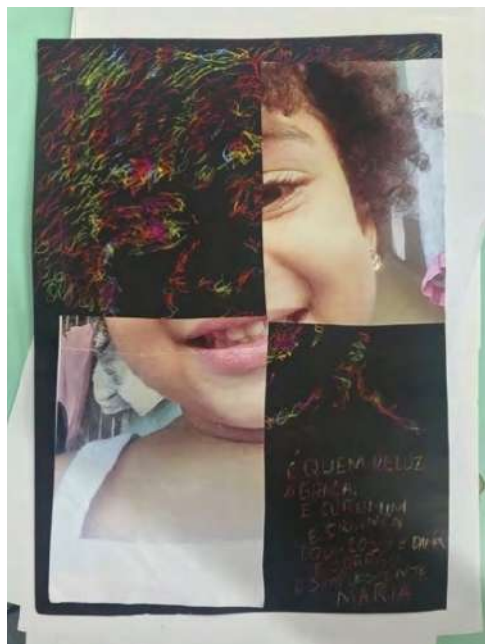


Figura 5

Título: Simplesmente Maria

Artistas: Maria (3 anos)
e Fabíolla (22 anos).

Técnica: Fotografia expandida com
recorte, colagem e escrita.

O autorretrato é um gênero relativamente recente, embora já se tenha notícias de autorretratos na Antiguidade, surgindo com força, porém, desde o Renascimento europeu. No momento contemporâneo as crianças convivem, desde seu nascimento, com a possibilidade dos aparelhos fotográficos

acoplados aos telefones celulares, e assistem à produção maciça de *selfies*, postados com frequência nas redes sociais. Segundo Maria Letícia Miranda um autorretrato pode ser artístico, desde que os componentes de alteridade estejam presentes, ou seja, a não coincidência entre o autor do autorretrato e seu herói. A produção desses autorretratos acima seguiu uma linha desde a afiguração de si como mundo, o que já de princípio representa um deslocamento, até o tratamento de expansão da fotografia que pôde tornar ainda mais alteritária a relação entre autor e herói. O principal elemento que nos faz compreender que não se trata simplesmente de uma representação de si está nos contextos narrativos escutados pelas estudantes.

Rafael Benício tem sete anos de idade, e quando solicitado a fotografar o mundo, coloca duas *mariolas* (doces feitos de banana) nos olhos. Conta a Joyce que esse doce é muito impor-

tante para ele porque é o doce preferido de sua mãe, desde a sua infância, e que compartilham esse doce frequentemente, em festividades. Joyce expande a fotografia com outros elementos da festa, dos doces, relevando o valor da alegria da festa partilhada com a mãe. Maria, com 3 anos, não teve dúvidas: fez seu autorretrato e disse: *eu sou o mundo da minha mãe*. Na expansão fotográfica, rigidamente controlada por Maria, Fabíolla ressalta o valor da beleza de Maria, essa única, simplesmente Maria.

Autorretratos dialógicos, em que a imagem do eu porta consigo a imagem do outro mais afetivo, a mãe: a mãe nos doces e Maria, como o mundo de sua mãe. Artísticos, portanto, seu valor estético afigura-se no eu-outro da criança-mãe, em diálogo com as estudantes.

Eu como o mundo

Figura 6

Título: Cabelo de Flamengo

Artistas: Kethellyn dos Santos Velasco (4 anos) e Dayana Viana Vieira.

Técnica: Fotografia expandida com trança de linha.



Figura 7

Título: Felicidade



Artistas: Theo João Elias (2 anos) e Samara Andrade.

Técnica: Fotografia expandida com colagem de materiais diversos.

Outros dois autorretratos afiguram a criança como o mundo. No primeiro Kethellyn, com quatro anos, afigura o que mais ama no mundo, e faz um autorretrato. Na continuidade do diálogo, seu cabelo é o que mais ama, em si mesma. Dayana expande a fotografia com as tranças vermelhas e pretas, símbolo do maior time de futebol brasileiro, ressaltando a beleza da criança negra e seus cabelos trançados. Empoderamento na beleza do diálogo, Kethellyn enunciou, fotograficamente, o amor da menina cujos penteados a mãe amorosamente tece.

Theo, o mais jovem de todas as crianças participantes da atividade, também fez um autorretrato. Samara, sua irmã, nos disse ao chegar na sala de aula que sua demanda não tinha dado certo, talvez por ser Theo bem pequeno. Ao ver a fotografia tirada

pela criança, pensamos ser de uma beleza enorme, no gesto de alegria em que enunciou seu autorretrato. No momento desse diálogo, Samara compreendeu a felicidade do irmão ao poder ser retratado, já que andava bastante triste com a chegada de um irmãozinho. Concluiu então que a presença de Theo celebrada por ele mesmo era a festa de sua existência, no difícil momento da partilha da atenção dos pais. Ao expandir a foto, Samara releva a alegria e expõe o valor do sentido, para Theo. Juntas refletimos sobre a fotografia como forma excelente para a escrita de crianças pequenas, que ainda não dispõem de todos os recursos linguísticos da oralidade. Participando de todo o processo de criação da fotografia expandida, Theo é a imagem da felicidade, escritura de si com o outro.

Os heróis do mundo

Figura 8

Título: Os heróis do meu universo

Artistas: Ernesto Reder (7 anos) e Thiago Reder.

Técnica: Recorte e colagem de fotografias com bordado em papel panamá.

Ernesto, ao ser solicitado fotografar o mundo, recolheu de todos os cômodos da casa seus heróis. Fotografou-se ao lado destes, mas não ficou satisfeito. Disse a Thiago, seu primo, *ainda preciso fotografar o mais impor-*

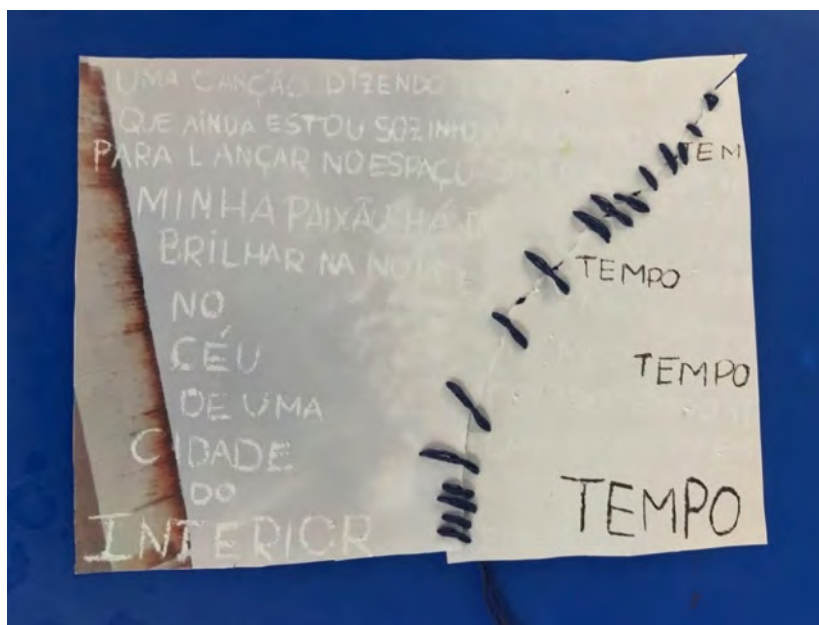


tante: os detalhes. Produziu quase uma centena de fotografias revelando os detalhes de cada um dos heróis. Na elaboração da fotografia expandida, sugeriu um monstro de mil partes. *O mais importante são os detalhes.* Não ouvimos isso, antes, em Walter Benjamin, em Mies Van Der Rohe? Pois escutamos aqui novamente, por Ernesto Reder.

Paisagem de mundo

Figura 9

Título: Senhor do destino



Artistas: Serena (9 anos) e Leticia Riva.

Técnica: fotografia expandida com estilete sobre papel e costura.

Figura 10

Título: Ganância

Artistas: Calvin Mendes (6 anos) e Clarice Bertelli.

Técnica: Fotografia expandida com fogo.

As duas últimas fotografias por nós escolhidas revelam um olhar para o mundo e uma reflexão sobre o mesmo, em duas narrativas cujo enunciado é iminente-filosófico. Serena tem 9 anos e ao ser solicitada a fotografar o mundo, não compreendeu no primeiro momento. A seguir, tirou a

foto do céu afirmando que *é bonito e que ela gosta de ver as coisas mudando*. Letícia escolhe então expandir a fotografia trazendo o tempo como reflexão, rasgando, costurando e rasurando a foto com duas músicas que se referem ao tempo e às mudanças que esse traz.

Já Calvin, que mora em um parque ecológico na cidade de Niterói, tirou a foto da floresta porque, segundo ele, *o mundo todo já foi floresta*. Na conversa com Clarice, o tom da criança que mora em uma região de floresta e que compreende o *foi* enquanto mudança no mundo a fez tomar a decisão de afigurar a mudança do planeta, a partir de sua destruição. Com anuência de Calvin, que com seis anos faz análise das mudanças no mundo, afigura a floresta se queimando, em uma fotografia da fotografia sendo queimada. Afigurações do irrepresentável: o tempo e o espaço em sua mudança e movimento, as fotografias das crianças e sua expansão são artísticas em todos os seus momentos.



Considerações finais

Cada uma das cinquenta e quatro fotografias testemunha o que Bakhtin tanto afirmou e no que nós apostamos, com energia: o humano se conecta, no grande tempo, na linguagem, através da inserção nos gêneros, a toda a humanidade. Ao mesmo tempo, a renova, ao enunciar pela primeira vez da forma singular que cada voz é capaz de realizar, em resposta ético-estética ao mundo. Crianças não são seres fora da cultura, da linguagem e da participação na transformação ativa do mundo. São, na cultura, enunciadores, pensadores, ativos críticos e produtores da mesma. No nosso trabalho com enunciados fotográficos, vimos os valores humanos se tornarem o sentido expresso no conteúdo, material e forma da linguagem fotográfica em muitos gêneros. As crianças revelaram tanto sentidos profundos de suas relações sociais, quanto o conhecimento dos gêneros da fotografia, fazendo valer o que Bakhtin denominou compreensão responsiva: a escuta de um enunciado humano, que sempre está em resposta a outros, é já ela mesma uma resposta no gênero discursivo. No mesmo processo escutamos e respondemos. A isso Bakhtin chama “compreensão responsiva”.

Todo nascimento não é uma entrada no *espaçotempo* somente, mas uma entrada desde as bordas enunciativas da vida. Viver é este constante deslocamento em direção ao outro, um outro com quem encontro na acontecimentalidade da vida. Somos, na linguagem, seres-evento. As crianças, como seres humanos na cultura, são enunciativas em gêneros a que têm acesso. A infância é sempre alteridade humana, e é preciso usar de muita violência para deter essa força alteritária. A nós, cabe um trabalho permanente de escuta, construído com as crianças, que nos ensinam todos os dias a sermos, juntos, humanidade múltipla, polifônica, transformadora, fazendo do mundo um lugar maior,

onde mais seres humanos, de todas as idades, enunciem, nas linguagens que puderem e tiverem acesso.

Nossa posição na vida, na arte e na pesquisa, portanto é a de reconhecer e afirmar a capacidade enunciativa das crianças que as unem, como elos, à cadeia dos sentidos humanos no grande tempo. Afirmamos, uma vez mais: é preciso aprender a escutar as crianças. Esse trabalho, seus resultados e as reflexões dele decorrentes são elos fortes na construção de uma base filosófica do enunciado infantil, em diálogos na cultura.

Referências


- Bakhtin, M. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores.
- . (2011). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra, 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- . (2014). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni, et al., 7.ed. São Paulo: Hucitec Editora.
- . (2019). *O homem ao espelho: Apontamentos dos anos 1940*. Trad. Cecília Adum, Maria Letícia Miranda e Marisol Barenco. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Barros, Manoel. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- Barthes, Roland. (1984). *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- . (2009). *O óbvio e o obtuso* (Obras de Roland Barthes). Lisboa, Edições 70.
- Blanchot, Maurice. (2015). *La conversazione infinita. Scritti sull' "insensato gioco di scrivere"*, tr. it. Roberta Ferrara, Torino, Einaudi, Piccola Biblioteca Einaudi.
- Derrida, Jacques. (2012). *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora UFSC.

- Duarte, Angélica. (2018). *Construindo uma escuta da criança: sofrimento, ética e estética na escola*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói.
- Francisco Jr., M. R. (2019). *Cotraduzindo a poesia transmental russa de Velimir Khlébnikov*. In: Cad. Trad., Florianópolis, 39, 330-347.
- Lévinas, Emmanuel. (2010). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*, tr. Pergentino Pivatto et alii, 5ª ed., Petrópolis, Vozes.
- Lopes, Jader e Mello, Marisol. (2017). *Autorias infantis: processos intermodais de criação*. In: Araújo, Vania. *Infâncias e Educação Infantil em Foco*. Curitiba: Editora CRV.
- Medviédev, Pável. (2012). *O Método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução: Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto.
- Ponzio, Augusto. (2013). *No Círculo com Mikhail Bakhtin*, tr. Valdemir Miotello et alii, São Carlos, Pedro & João Editores.
- Silva, Maria Leticia M. B. (2019). *Um risco na noite: uma semiótica do autorretrato artístico de crianças*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói.
- Volóchinov, Valentin. (2013). *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación
(Infâncias: contextos de ação, interação e participação)
se terminó de editar en diciembre de 2020
en las oficinas de Ediciones de la Noche

www.edicionesdelanoche.com





Las infancias, su participación, sus interacciones y sus acciones contextualizadas, son abordadas en esta obra. Aparecen en la transcripción de los textos las infancias latinoamericanas, en múltiples geografías y en múltiples formas de ser y estar en el mundo. Considerando en todo momento su presencia agentiva, considerando simultáneamente las culturas adulta e infantil en interconexión necesaria.

Esta obra coordina esfuerzos para generar un entorno reflexivo, crítico y sensible sobre la posición política de las infancias, donde investigadoras e investigadores de Latinoamérica, confluyen en el relato sobre las infancias visibles, protagonistas, en resistencia, vulneradas. Estos intercambios que surgen y resurgen en los textos van encaminados a una propuesta donde se trabaje y se dialogue con y para las infancias.

Así mismo, esta obra representa la interconexión de diversas áreas del conocimiento (sociolingüística, geografía humana, antropología, psicología del niño y del adolescente, educación y derecho), conservando su unidad temática, las infancias, con experiencias específicas de Argentina, Brasil, Colombia y México. Finalmente, la obra es una producción editorial conjunta de la Universidad Autónoma de Chiapas (México), Universidad de Brasilia (Brasil), Universidad Surcolombiana (Colombia) y Universidad Nacional de Rosario (Argentina).